



Luís Represas subiu ao palco pela última vez no passado dia 15 de maio, no Centro Cultural Olga Cadaval. Ao lado com João Gil, um dos fundadores dos Trovante. “Um par criativo absolutamente notável”, diz Nuno Galopim, tanto nos Trovante como noutras colaborações.

um público jovem consumidor de música, mas com outras raízes e outras formas musicais”.

O crítico musical e também diretor-adjunto da Antena 2 diz que “não se pode ignorar a sua assinatura vocal, que é única e distintiva, e que moldou as suas canções”, dentro e fora dos Trovante.

Com o fim do grupo, o músico procurou outros horizontes, nomeadamente do outro lado do Atlântico. “No pós-Trovante e a solo, essa voz e o seu talento criativo procuram outros alicerces, outros estímulos, em primeiro lugar em Cuba e, mais tarde, alargando-se a outras partes da América Latina. O Luís foi alguém que esteve permanentemente inquieto em busca de motivos para continuar a fazer canções”, considera Nuno Galopim.

O último álbum que o artista gravou foi *Miragem*, em 2024, e o primeiro disco a solo intitulou-se *Represas* (1993), foi gravado em Cuba e dele saíram êxitos como *Feiticeira* (com Pablo Milanés) *Fora de Tempo* e *Neva Sobre a Marginal*.

Rui Veloso escreveu uma música para esse álbum, recorda o músico ao DN. “*A Vez Mais Próxima do Fim*: eu fiz a música e ele a letra. É uma música que eu, se calhar, ainda vou gravar, tenho estado a pensar nisso. Não tem a ver com o que se passou agora. Há uns anos que eu penso: vou gravar essa música, à minha maneira.”



Rui Veloso com Zé Pedro e Luís Represas, “um amigo querido” para quem Veloso escreveu a música *A Vez Mais Próxima do Fim*.

blinhar que “era uma voz absolutamente inconfundível, única. Era daquelas pessoas que dão uma nota e sabemos que é ele. Portanto, tinha essa característica que muito poucos têm”.

Luís Represas nasceu no dia 24 de novembro de 1956, em Lisboa, e queria ser médico. Numa entrevista à Antena 1, admitiu que a Matemática e o 25 de Abril fizeram com que não fosse esse o caminho que acabaria por trilhar. Era pai de quatro filhos, dois dos quais com Margarida Pinto Correia, com quem foi casado. Manteve-se dono do Xafarix, um bar histórico de Lisboa criado nos anos 1980 e ponto de encontro de músicos, até à sua morte.

Muitos foram os êxitos de Luís Represas que ficaram no ouvido dos portugueses, mas houve uma canção que mexeu com um país. “Escolher uma canção é difícil e isso não se deve fazer nunca. Mas, pelo peso que teve, político e social, de mobilização da atenção de um povo, *Timor*, no final da década de 1980, acaba por ser uma canção que entra na nossa memória coletiva, é uma canção dos Trovante, e quis-nos dizer qualquer coisa, alertou-nos, mobilizou-nos, e entrou claramente nas nossas vidas e não mais nos abandonou”, diz Nuno Galopim.

O governo de Timor-Leste não esqueceu o contributo do artista para sua luta. Em comunicado, lembrou que “Luís Represas deu voz aos que não podiam contar ao mundo as atrocidades de que eram vítimas durante o período da ocupação indonésia. Esta canção tornou-se, então, símbolo da luta pela liberdade e pela autodeterminação do povo timorense, contra a injustiça que lhe era infligida”, considerando Represas um “amigo de longa data”.

O músico, que em 2005 foi distinguido pelo Estado Português com a Ordem do Mérito – grau de Comendador, também não foi esquecido ontem pelo Governo e pelo Presidente da República, António José Seguro, que disse que perdeu um amigo. “Há vidas que terminam. Há músicas que pertencem à eternidade. As músicas do Luís Represas são dessas.” Para Seguro, “partiu o homem, ficou a voz”.

O velório do músico realiza-se esta quinta-feira, 23 de julho, na Basílica da Estrela, em Lisboa, e será público entre as 16h00 e as 22h30. O funeral realiza-se na sexta-feira, depois de uma cerimónia religiosa às 15h00, naquela basílica, e é reservado à família.

Rui Veloso lembra também que gravou a canção *Má Fortuna* (do álbum *Auto da Pimenta*) em dueto com Luís Represas, em 2012, para o álbum *Rui Veloso & Amigos*.

Mas Rui Veloso recordará Luís Represas, acima de tudo, como um amigo com quem convivia frequentemente. “Quase que nem falávamos de música. Falávamos de outras coisas. Ele era um amigo muito querido de há muitos anos, de há mais de 40 anos. E isso, para mim, é o que está à frente de tudo.” “Era uma das pessoas boas que eu conheci na vida. Um homem bom. Era um tipo sempre bem disposto, sempre positivo”, acrescenta.

Mas o músico não deixa de su-